

Costurando a própria vida

Dona Célia acordava cedo. Às cinco e meia, a água do café já fervia enquanto o resto da rua ainda dormia atrás de portões fechados. Separava a marmita, prendia o cabelo depressa e saía quase sempre no mesmo horário, carregando uma bolsa, um guarda-chuva torto e o desejo de ser reconhecida.

No ônibus lotado das seis e quinze, seguia espremida entre desconhecidos e pensamentos. Àquela hora da manhã, ninguém conversava muito. As pessoas apenas iam.

Havia onze anos fazia o mesmo caminho até a confecção.

Na fábrica, o tempo parecia não andar. As máquinas costuravam sem parar, os ventiladores giravam preguiçosos no calor e alguém sempre gritava uma meta nova perto do fim do expediente. Dona Célia passava os dias entre mangas, barras e bolsos. Às vezes chegava em casa com a impressão de que continuava ouvindo o barulho das máquinas dentro da cabeça.

Nunca reclamava muito.

As outras mulheres da fábrica eram parecidas com ela. Uma criava três filhos sozinha. Outra escondia exames médicos na bolsa para ninguém descobrir que precisava de afastamento. Havia também quem sorrisse o tempo inteiro, talvez por desespero, talvez por costume. E, mesmo sem dizer, todas entendiam umas às outras.

O salário quase nunca bastava. Mas era ele que pagava o gás, o remédio da pressão, o material escolar parcelado em quatro vezes e alguma pequena esperança para o mês seguinte.

Até que numa terça-feira a fábrica não abriu. Os portões amanheceram fechados. Sem aviso. Sem reunião. Sem explicação.

Alguém comentou que o dono tinha sumido durante a madrugada.

As mulheres ficaram paradas na calçada, olhando umas para as outras como quem espera que alguém acorde de um pesadelo primeiro. Dona Célia segurava a bolsa contra o peito. Dentro dela, a marmita ainda estava quente.

Foi naquele silêncio estranho, em frente ao portão trancado, que ela percebeu que não tinha perdido só o emprego. Tinha perdido o chão.

Trabalho, para gente como a Dona Célia, nunca fora somente o salário. Era a certeza de comprar mistura no fim do dia sem precisar fazer conta no caixa do mercado. Poder seguir em frente, pagar o gás no fim do mês, garantir o sustento da casa. Sem aquilo, a vida parecia desmontar peça por peça.

De repente, no meio do caos, alguém falou sobre direitos, sobre a Justiça do Trabalho.

Dona Célia imaginava um lugar frio, gente importante andando depressa pelos corredores. Mas, ao entrar naquele ambiente, sentiu pela primeira vez que tinha valor que podia ter vez, ter voz.

Uma mulher pediu que ela contasse o que tinha acontecido desde o começo. E fazia tempo que ninguém perguntava sobre sua vida sem interromper no meio. Talvez seja isso que muita gente nunca entenda sobre a Justiça do Trabalho. Por trás de cada processo existe alguém tentando continuar de pé.

Ao longo dos anos, milhares de pessoas passaram pelos corredores do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região carregando histórias parecidas. Trabalhadores rurais queimados de sol, motoristas exaustos, domésticas, professores, atendentes, jovens no primeiro emprego, homens e mulheres que sustentaram famílias inteiras enquanto o país seguia crescendo nas propagandas de televisão.

Nos processos havia assinaturas, números e carimbos. Mas havia, sobretudo, gente.

O tempo mudou muita coisa. Vieram aplicativos, novas tecnologias, jornadas flexíveis e inteligência artificial. Algumas profissões desapareceram. Outras nasceram sem que ninguém entendesse direito onde começavam ou terminavam os direitos de quem trabalhava.

Mas certas coisas continuaram iguais: o medo de perder o emprego. O abuso escondido atrás da necessidade. O silêncio de quem aceita injustiças porque precisa pagar aluguel no final do mês. Por isso a Justiça do Trabalho continua existindo. Porque desenvolvimento não pode significar apenas lucro enquanto as pessoas adoecem em silêncio.

Meses depois, Dona Célia ganhou a ação. O dinheiro ajudou. Quitou contas atrasadas, trouxe algum alívio. Ao sair do tribunal naquele dia, sentiu-se importante, valorizada. Um país, afinal, não se constrói só com empresas, concreto. Um país se constrói com pessoas que acordam cedo e seguem em frente mesmo quando o mundo quase não percebe que elas existem.

Jaqueline Garbúggio Egias

Professora.